

RABISCOS DE UM ESCRIVINADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em foram divulgadas).

136. INÉDITO DE HILTON FEDERICI

Pouco após o falecimento de Hilton Federici em junho de 1980, publiquei neste mesmo local pequena nota acerca de alguns inéditos deixados pelo querido e saudoso amigo. Dizia, na ocasião, que Hilton Federici levava para o túmulo a mágoa de não ter encontrado quem se interessasse pela publicação de seu livro sobre os símbolos paulistas, no qual se empenhara com tanto conhecimento e com tanto amor. Por sugestão deste seu velho amigo e por empenho de outro grande amigo, Lycurgo de Castro Santos Filho, então integrante da Comissão de História da Secretaria de Cultura do Estado, veio o livro a ser publicado em edição oficial da Secretaria, logo no ano seguinte. Mas, sofrendo do mal de todas as publicações oficiais, não teve a divulgação que Hilton desejava e que de fato merecia. Quem quiser obtê-lo terá que ir — e nem todos podem — à sede da Secretaria, em São Paulo. Mas, em todo caso, está publicado e isto é o que importa. Talvez um dia alguma editora se anime a fazer dele uma edição comercial para que ele possa se tornar mais conhecido e recomendado pelos professores nas escolas do Estado de São Paulo, pois para isto o autor o escreveu.

Dois outros trabalhos o saudoso professor deixou inéditos e em ambos tive alguma responsabilidade. Um, foi escrito mesmo por minha solicitação para uma “poliantéia” que planejei, comemorativa do bicentário de Campinas, algo que ficasse a recordar perenemente a efeméride de 1974. Apenas dois dos convidados a colaborar em no livro desincumbiram-se de suas tarefas: Hilton Federici e a professora Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci. Ninguém mais se abalçou a escrever qualquer coisa, nem o próprio organizador do volume... É verdade que a iniciativa deu em nada e coisa alguma foi publicada dentro do espírito que desejávamos. Mas os trabalhos dos dois colaboradores ficaram em meu poder como testemunhos de boa vontade e eficiência de seus autores. O de Maria Lúcia foi publicado anos depois, numa revista de estudos históricos; o de Hilton continua comigo à espera de uma oportunidade para poder publicá-lo.

“Double” de geógrafo e historiador, o trabalho que encomendei a Hilton Federici não poderia ter sido senão o quadro geográfico de Campinas, o palco onde se desenrolou a história da cidade. Seria o capítulo inicial do livro planejado. Aliás, dava gosto ver Hilton Federici discorrer sobre essa introdução geográfica à história de Campinas. Várias vezes o fez, nos cursos organizados por Flávio da Silva Fernandes, no Sesc, quando tratamos “a quatro mãos” da geografia e da história de nossa cidade. Em próxima nota cuidarei de outro inédito deixado pelo saudoso e inesquecível amigo, e que, felizmente, vem de ser publicado. (4-9-1985).

*

137. OUTRO INÉDITO DE HILTON FEDERICI

O saudoso Hilton Federici tinha por hábito fazer-me ler os originais de seus trabalhos antes de lhes dar a forma definitiva. Agradáveis e inesquecíveis momentos passamos juntos, trocando idéias, discutindo proposições, procurando aclarar pontos duvidosos ou controvertidos, sempre na maior cordialidade e com a mais distinta elevação de propósitos. Tudo, diga-se de passagem, por mera gentileza de sua parte, pois seus escritos versavam sobre assuntos que ele conhecia melhor do que eu. Poucas vezes tive o que sugerir-lhe e menos ainda que retificá-lo. Mas nada o demovia de seu hábito e assim cada trabalho que elaborasse ou simplesmente planejasse era uma oportunidade feliz para proveitosos entretenimentos.

Um dos seus trabalhos que mais ensejo deu a que trocássemos idéias foi sobre a história ferroviária de Cruzeiro, mais precisamente a antiga Rede Sul Mineira. Hilton via nessa ferrovia as próprias origens de sua cidade. Diga-se, a propósito, que em matéria de pesquisa histórica, Hilton Federici tinha dois amores: Cruzeiro e Campinas, a cidade onde nasceu e a cidade que adotou como sua. Sua grande preocupação era mostrar o quanto Cruzeiro representava como exceção na história das cidades valeparaibanas. E no trabalho em questão, Hilton procurava, ainda, vincular à história ferroviária cruzeirense as visitas que D. Pedro II, por duas vezes, fez ao Sul de Minas.

Estava Hilton sem saber o que fazer de seu trabalho, já quase pronto, quando lhe sugeri que o apresentasse a um Congresso de História de São Paulo, que planejei e, graças a Deus, consegui realizar em Campinas, sob os auspícios de nossa Universidade Católica, em julho de 1972. Iniciativa considerada magnífica, mas que, infelizmente, não teve prosseguimento: depois do nosso, apenas um outro foi realizado em Araraquara, dois anos depois, e nada mais se fez em matéria de congresso de história paulista.

Hilton Federici aceitou jubilosamente minha sugestão e seu trabalho figurou, assim, como um dos mais importantes de quantos foram apresentados ao congresso aqui realizado. Lamentavelmente, não tivemos condições de publicar os anais, o que foi pena, pois isto contribuiu para que a iniciativa morresse. Guardei os trabalhos apresentados; devolvi os que me foram solicitados para que seus autores os publicassem onde entendessem. Entre os que ficaram comigo, o de Hilton Federici, tirado pelo bom amigo numa bonita impressão mimeografada para distribuição aos seus amigos mais chegados. Pois bem: é este segundo inédito de Hilton Federici, de que fui depositário, que vem de ser publicado pelo Museu Imperial de Petrópolis, no último volume de seu anuário, graças à gentileza de nosso comum amigo Lourenço Luiz Lacombe, diretor da grande instituição petropolitana. (11-9-1985)

*

138. NOVOS ESTUDOS MISSIONEIROS

Há alguns anos, neste mesmo local, ocupei-me dos Simpósios de Estudos Missioneiros que bienalmente se realizam na cidade gaúcha de Santa Rosa, promovidos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, daquela cidade. O que, a meu ver, mais digno de nota se apresenta — escrevia na referida nota — é a conscientização, que se sente a todo instante, do interesse em torno dos estudos históricos, geográficos, etnográficos, antropológicos do mundo missioneiro. Rara a cidade da região que não tenha um centro de estudos dedicados à temática missioneira e a preocupação de simpósios periódicos vem, efetivamente, coroar todos os esforços em redor do tema propiciando exposições, conferências, mesas-redondas, enfim tudo aquilo que, publicado um dia após a necessária triagem, poderá constituir precioso subsídio à bibliografia regional de uma das mais significativas áreas culturais do País.

E é de se louvar a regularidade com que os anais dos Simpósios de Estudos Missioneiros são distribuídos. Cinco volumes até agora já foram publicados, contendo o balanço dos trabalhos ali realizados, bem como o texto integral das comunicações apresentadas. E com a colaboração não apenas de elementos da região missioneira, mas de todo o País, pois hoje esse evento extrapolou as dimensões estaduais, passou a interessar a muita gente de outros Estados, constituindo um dos grandes marcos do calendário cultural do Brasil.

Embora não tivesse até agora oportunidade de participar dessas reuniões de Santa Rosa, tenho recebido regularmente suas publicações e é

justamente o aparecimento de mais um volume dos “Anais”, que me sugeriu a presente nota. O simpósio de 1983, cujo anuário vem de ser publicado, cuidou particularmente do “espaço missioneiro”, e oferece-nos treze conferências e três comunicações, todas tratando de temas do mais alto interesse. Seus autores, entre outros, Arno Alvarez Kern, Décio Freitas, Moacyr Flores, Heloisa Liberalli Bellotto, Arthur Rabuske, Itala Becker, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e, ainda, colaboração de pesquisadores e professores das nações vizinhas, igualmente interessadas na cultura missioneira, como o Paraguai, a Argentina e o Uruguai. Tornou-se, assim, a reunião bial de Santa Rosa um evento internacional.

O único acontecimento cultural no Brasil que me faz lembrar os Simpósios de Estudos Missionários, de Santa Rosa, é a promoção também bial do Instituto de Estudos Valeparaibanos, sediado em Guaratinguetá, mas cujas reuniões se realizam nas mais diversas cidades do Vale do Paraíba. Todavia, há uma diferença, aliás bem marcante: ao contrário dos simpósios missionários, os do Vale do Paraíba não têm tido condições de publicar seus anais (apenas o de um deles foi publicado) e isto é fundamental para o sentido de permanência dos trabalhos que neles se realizam. (25-9-1985)

*

139. O ÚLTIMO LIVRO DE BRASIL BANDECCHI

Bem andou o saudoso historiador e acadêmico Brasil Bandecchi reunindo diversas páginas esparsas por publicações periódicas, para formar o que veio a ser seu último livro. Livro que ele mal teve oportunidade de ver. A editora entregou-lhe os primeiros exemplares dois ou três dias antes de seu falecimento, ocorrido em fins de junho do ano em curso. Nem teve oportunidade de oferecê-lo aos amigos mais íntimos, tarefa de que se desincumbiu sua querida esposa e nossa também querida amiga Alda. A contracapa do volume mostra sua fotografia, provavelmente a última, já com as feições cansadas, mas, evidentemente, nada fazendo supor que sua existência terrena estivesse tão próxima do fim.

História e ficção na poesia e no romance, intitula-se o livro. Tema bem de seu agrado, sobre o qual gostava de discorrer sempre que se lhe oferecesse oportunidade. Consta de cinco estudos isolados: “Mário de Andrade e a fala brasileira”, “História do Brasil na poesia”, “A Faculdade de Direito, a poesia e a história”, “Romance como fonte de história” e “Romance Urbano do interior”. Este último é um ensaio sobre o escritor francano Antônio Constantino, que foi, por muitos anos, diretor da biblioteca da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Nesses cinco estudos, que adquiriram, agora, o caráter de permanência que só o livro pode dar, Brasil Bandecchi revelou-se não apenas o pesquisador familiarizado com os eventos históricos, mas, igualmente, o freqüentador assíduo da literatura de ficção. Sob este aspecto, o capítulo mais importante do livro, sem menosprezo para com os demais, é “Romance como fonte de história”. Cuida de romances da escravidão: **A escrava Isaura**, **O mulato**, **A marcha**, **Mocidade de Trajano** e **A família Medeiros**, respectivamente de Bernardo Guimarães, Aluísio de Azevedo, Afonso Schmidt, Visconde de Taunay e Júlia Lopes de Almeida. Passa, depois, para os romances ligados ao povoamento do Oeste paulista, à imigração e ao café: **Chão bruto** e **Filhos do destino**, de Hernani Donato; a trilogia (**Clarão na serra**, **Grotão do café amarelo** e **A porteira bateu**) de Francisco Marins; **O estrangeiro**, de Plínio Salgado; **Capa preta** e **Espigão da Samambaia**, de Leão Machado; e encerrando esse precioso capítulo, uma evocação final de São Paulo (cidade) no início deste século, através de **Madame Pommery**, de Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta, cujo centenário, transcorrido este ano, deu ensejo a que Ernani Silva Bruno publicasse excelente artigo na imprensa paulistana. (27-11-1985)

*

140. ESPÍRITO CIPELISTA

O adjetivo do título talvez cause estranheza. Refere-se a “Cipel”, sigla pela qual se designa o “Círculo de Pesquisas Literárias”, atuante entidade cultural de Porto Alegre, fundada em 8 de dezembro de 1966 por um pequeno grupo de sul-rio-grandenses amantes das coisas de seu Estado. Funciona desde então, sempre coeso, modesto em seus trabalhos, evoluindo em sua finalidade específica, que é o Rio Grande do Sul, “pesquisando seu passado, registrando-o no presente, preservando-o para o futuro”. Seus integrantes formam uma comunidade de pessoas das mais variadas atividades profissionais: professores, médicos, advogados, militares, religiosos, jornalistas, etc. Todos têm, como interesse especial, a pesquisa em torno da cultura sul-rio-grandense e, particularmente, o levantamento e localização de publicações de autores gaúchos ou que tratem de qualquer assunto atinente ao Rio Grande do Sul.

Quem primeiro me informou dessa entidade foi a professora Hilda Flores, a qual, juntamente com seu esposo, o historiador Moacyr Flores, constituem elementos de destaque na agremiação. Por uma notícia de Hilda, fiquei sabendo que um dos diretores da entidade é o professor Astrogildo Fernandes, velho amigo e companheiro de muitos anos. Não

tive outra coisa a fazer senão pedir-lhe mais informes sobre o “Cipel” e com base no que gentilmente me mandou, é que estou compondo esta nota.

Leio numa das circulares: “Sendo de conhecimento geral a área de cada cipelista, é norma que, ao efetuar determinada pesquisa sobre tema de sua predileção, encontrando subsídios que abordem assunto selecionado por algum dos confrades, os anote, transmitindo-os ao interessado na primeira oportunidade. Em síntese, são pessoas que se auxiliam e permutam informações de interesse recíproco. Quando o “Cipel” é consultado por pesquisadores nacionais ou estrangeiros, ou por entidades, o tema é transmitido aos associados, cabendo aos mesmos, coletiva ou individualmente, dentro de seus conhecimentos, fornecer os elementos indispensáveis à resposta”. Resumindo: “A confraternização, a amizade, o interesse geral pelas coisas, aspectos e cultura do Rio Grande do Sul constituem o grande e forte elo de união entre os integrantes do Círculo”.

Em última análise, é o “espírito cipelista”, a que se refere o título desta nota. Creio nada precisar dizer quanto entidade dessa natureza poderia servir de modelo para outras cidades do Brasil. Que temos em São Paulo sequer parecido com o “Cipel” gaúcho? No entanto, vivemos a lamentar que tão pouco se estude e se conheça nossa terra. (18-12-1985)

*

141. O LIVRO DO REVERENDO WALSH

Não sei porque demorou tanto tempo para que se traduzisse o excelente livro do Reverendo Robert Walsh sobre o Brasil, quando se traduziu — e às vezes com diversas edições — tanta coisa de muito menos valor. Com efeito, inscreve-se o livro do capelão anglicano entre os melhores títulos de nossa literatura de viajantes estrangeiros. Sempre citado e sempre louvado, mas, até agora, nunca traduzido. Dele apenas se ocupou (que me lembre) o sr. Cândido Melo Leitão em seu precioso livro **O Brasil visto pelos ingleses**, publicado em 1937 na Coleção “Brasiliiana”, mas nunca reeditado. A iniciativa da tradução integral da obra coube à Itatiaia, de Belo Horizonte, integrando a magnífica série “Reconquista do Brasil”, onde figura sob os números 74 e 75. A tarefa de pô-la em nossa língua coube a Regina Regis Junqueira, a quem já se devem diversas traduções de viajantes estrangeiros, na mesma coleção “Reconquista do Brasil” (Bates, Saint-Hilaire)...

Wash viajou pelo Brasil (Rio de Janeiro e Minas Gerais) em 1828 e 1829, tempo realmente curto para a soma de informações que

conseguiu obter sobre nosso País, não só decorrentes de observações de suas viagens, mas igualmente de leituras. Veio para o Brasil na comitiva de Lord Strangford e, enviando notícias a um amigo de Londres, escreveu verdadeiro diário, relato precioso sobre nossa terra e nossa gente. Daí o título que deu ao livro, **Notícias do Brasil durante os anos de 1828 e 1829**. A edição original, **Notices of Brazil**, foi publicada em Londres em 1830, tendo sido reeditada logo no ano seguinte.

Quanto a nós, tivemos que esperar 155 anos para tê-lo na língua do país de que o livro trata... Mas, melhor tarde que nunca.

Falta, no volume da Itatiaia, uma nota sobre o autor. Há, apenas, uma justificativa da edição, na orelha da capa, bem feita, sem dúvida, mas muito pouco para livro tão valioso. Nascido em 1772, Walsh ordenou-se em 1802 e diplomou-se em Medicina em 1820. Nessa época, já havia publicado uma história da cidade de Dublin. Nomeado capelão da embaixada inglesa na Turquia, este cargo propiciou-lhe escrever livro sobre sua viagem a Constantinopla, que foi reeditado várias vezes. De Constantinopla, foi servir na capital do Império Russo e de lá veio para o Brasil. Em 1831 foi novamente enviado à Turquia, retornando à sua pátria em 1835. Faleceu em 1853. Seu conhecimento do problema escravo no Brasil credenciou-o a pertencer a uma importante sociedade abolicionista de Londres. Aliás, a parte relativa à escravidão é das mais interessantes de seu livro. Assim, também, os retratos que traça de personalidades importantes com as quais se relacionou no Rio de Janeiro. É dos mais bem feitos, ainda, o resumo da história do Brasil que apresenta no primeiro volume. Por tudo isto é que se estranha tenha demorado tanto a aparecer o precioso livro em nossa língua. (22-01-86)

*

142. A GALERIA DE SISSON

A Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, anuncia, entre as próximas publicações em sua preciosa coleção "Reconquista do Brasil", a reedição integral da famosa **Galeria dos Brasileiros Ilustres**, publicada originalmente no Rio de Janeiro em 1859 e 1861, em dois volumes, pelo litógrafo e desenhista francês Sebastião Augusto Sisson, que por longos anos viveu na Capital do Império. Nascera Sisson a 2 de maio de 1824, tendo vindo para o Brasil em 1852 e em nosso País viveu até o seu falecimento, em 1898. Consta sua **Galeria** de noventa retratos (quarenta e cinco em cada volume) dos "homens mais ilustres do Brasil, na política, ciências e letras, desde a guerra da Independência até os nossos dias, acompanhados

das suas respectivas biografias, publicada sob a proteção de Sua Majestade o Imperador”.

Os retratos foram magnificamente copiados do natural e o processo empregado para reproduzi-los foi a litografia, muito em voga na época. Quanto ao texto, quase todo no tom encomiástico e por vezes precioso, tão ao sabor do tempo, não trás assinatura. Todavia, Tancredo de Barros Paiva, em seu dicionário de pseudônimos (Rio, J. Leite, 1929), assevera que as biografias foram escritas por várias pessoas, inclusive por muitos dos próprios biografados e relaciona os nomes da maioria delas.

A **Galeria** de Sisson, ao que eu saiba, só foi reeditada uma vez, em 1948, pela Livraria Martins Editora, integrando a “Biblioteca Histórica Brasileira” (vol. 18), dirigida por Rubens Borba de Moraes. Desta segunda edição, fez-se uma tiragem de luxo, em formato maior e outra em tiragem comum, nos mesmos padrões da coleção em que foi inserida, ambas em dois volumes, tal como a edição original de 1859/61.

Uma nota do editor esclarece que várias circunstâncias concorreram para que a **Galeria** de Sisson se tornasse muito rara e, conseqüentemente, de alto valor mercantil: seu tamanho alentado, a tiragem reduzida, o desmazelo de possuidores inconscientes e principalmente sua mutilação por antiquários gananciosos que desmanchavam os volumes para venderem os retratos separadamente. Eis porque raramente se encontra referências a Sisson nos catálogos dos alfarrabistas internacionais. E daí, logicamente, o interesse da reedição que então se fez, hoje, já bastante rara, a justificar perfeitamente a nova edição anunciada pela importante editora mineira. A reedição de 1948 deixou de mencionar os autores das biografias, tais como identificados por Tancredo de Barros Paiva. Mas a lacuna foi suprida pelo saudoso Raimundo de Menezes que os menciona em seu **Dicionário Literário Brasileiro**, pág. 647, da segunda edição (1978). (05-02-86)